

Página Inicial

Especial - Acordo Ortográfico

Agenda de Eventos

Artigos e Ensaios

Blog

Livros

Polêmica nas Letras

Reflexões sobre o ensino de língua(s)

Resenhas

Textos literários

Edições Anteriores



Veja também



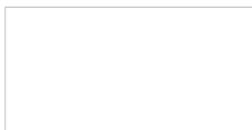
Biblioteca Digital Mundial



Ceditec



Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos

UM RETRATO COM PALAVRAS: ASPECTOS DA RECEPÇÃO CRÍTICA DE JOSÉ SARAMAGO NO BRASIL

Raquel Terezinha Rodrigues^[1]

A definição de que a literatura é também um produto social foi dada por Madame de Staël, no século passado. Desde então a crítica passou a se preocupar em avaliar as correspondências entre a obra e a realidade. A obra passou então a ser um sistema simbólico de comunicação inter-humana que implica em um jogo permanente de relações entre o público e o autor. Tríade esta que Antonio Candido (1976) considera indissolúvel, revelando que dos três, o público é o que dá sentido à obra, servindo de elo entre ela e o autor.

Sendo assim, neste trabalho, refletiremos sobre alguns textos que marcaram a recepção da obra de José Saramago pelos críticos brasileiros e que foram publicados nos últimos (5) cinco anos no jornal *Folha de São Paulo, Observatório da Imprensa*, e uma edição especial da *Revista de Divulgação cultural*, da FURB e uma edição da *Revista Camões*, que mesmo não tendo sido publicada no Brasil, norteou os estudos acadêmicos sobre o autor.

Para tal análise, utilizamos como referencial teórico alguns conceitos estabelecidos pela Escola de Constança, em especial as que se referem ao papel desempenhado pela leitura e pelo leitor na história de uma obra literária, destacando alguns postulados de Jauss e Iser.

Aspectos Teóricos

O termo "recepção" começou a ser usado desde 1932, em trabalhos de literatura comparada. Todavia, a aula inaugural de Hans-Robert Jauss na Universidade de Constança, em 1967, pode ser considerada um marco inicial para esta corrente, que privilegia a relação autor-obra-público.

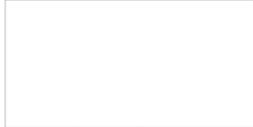
Logo, a relação estabelecida entre o público e o escritor leva este último a adquirir plena consciência de sua obra através da reação de seu público. Eis porque o escritor é dependente do público, cuja reação é muitas vezes decisiva na orientação da obra ou de seu próprio destino. Deste modo, a literatura só vive à medida em que é vivida, decifrada, aceita ou deformada pelos leitores. Esta receptividade do público que constitui um diálogo vivo, resulta em uma participação ativa sem a qual não haveria obra literária.

O ponto de partida da Estética da Recepção é a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, cujas formulações e princípios foram adaptados à crítica literária por alguns de seus alunos, dentre eles: Hans-Robert Jauss e Wolfgang Iser. Dos princípios adaptados destaca-se a lógica da pergunta e da resposta, a noção de horizonte de expectativas e a fusão de horizontes.

Para Jauss (1994), tanto o método formalista quanto o marxista ignoravam o leitor em seu papel genuíno que, segundo ele, era o de destinatário a quem a obra literária visa. Partindo desta lacuna existente nos dois métodos e tendo as formulações de Gadamer como base, Jauss formula um novo conceito que leva em consideração tanto o leitor quanto a sua experiência estética. Com isso, o leitor e a recepção que este faz de uma obra são dados que contribuirão para a análise da mesma.

Segundo Jauss, o valor estético decorre da percepção estética que a obra é capaz de suscitar, ou seja, a maneira pela qual a obra vai atender, superar ou decepcionar as expectativas do público, que ele chamou de horizonte de expectativas. Ele examina ainda as relações do texto com a época de seu aparecimento. A reconstituição do horizonte de expectativas não só possibilita uma recuperação do processo de comunicação no momento em que a obra surgiu, como também cria oportunidade para que seja feita a recuperação da história da recepção. A obra é considerada dentro do horizonte em que apareceu.

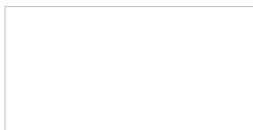
No entanto, o aspecto diacrônico deve ser considerado quando se estuda a



Domínio Público



GEScom



GETerm



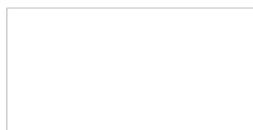
iLteC



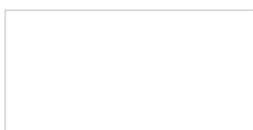
Institut Ferdinand de Saussure



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!



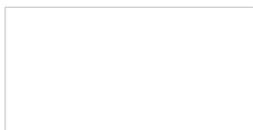
Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL



Universia

historicidade da literatura, pois para que uma obra seja situada na sucessão histórica é mister levar em conta a experiência literária que a propiciou. É o que se chamou de fusão de horizontes.

Wolfgang Iser (1979), outro teórico da Escola de Constança postula que a intenção de um texto encontra-se na imaginação do leitor, resumindo assim, a idéia de que os textos literários não são construídos de maneira a confirmarem os sentidos que a eles são atribuídos.

Para Iser, a obra literária mais eficiente é aquela que força o leitor a uma consciência crítica de seus códigos e expectativas habituais. Com qualquer texto podemos apreender não somente o que estamos lendo, mas também sobre nós mesmos, podendo, pois, cada qual interpretar de sua própria maneira, pois as indeterminações de que é composto um texto dependem das interpretações do leitor para se efetivarem.

Baseado na caracterização de leitor, feita por Iser, Yves Chevrel (1990) estabelece dois tipos de leitor: o primeiro deles é o intencional que está dentro da ficção e que não é real, ele tem um comportamento induzido pelo texto. O outro tipo de leitor é o real, histórico ou empírico, que é o que efetivamente lê o texto e cujas reações são observáveis, tornando-se assim o tipo que nos interessa. Estabeleceu-se, então, que o crítico literário seria o público leitor, pois através dos seus registros, desempenha o papel de divulgador e formador de opiniões, servindo também como agente nos intercâmbios literários internacionais.

O autor e seu tempo

“ É a certeza da data que imprime realidade às coisas que, sem essa certeza, encarnadoras, apenas passadas, se desfariam na diafaneidade e impalpabilidade do tempo.”

(Eça de Queirós)

José Saramago nasceu na Azinhaga, em 1922. Trabalhou como jornalista em vários jornais, entre eles o Diário de Notícias, de que foi diretor. Fixou-se definitivamente na ilha de Lanzarote, arquipélago das Canárias. É um dos escritores portugueses mais lidos e traduzidos no estrangeiro. Em 1991 ganhou o Grande Prêmio APE, com o romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, e o Prêmio Camões em 1996 por toda a obra. Em 1998 ganha o Prêmio Nobel da Literatura.

Em seus vários romances José Saramago trata dos mais variados temas, dentre eles vale destacar os da cegueira, da busca da identidade, a história de Jesus, da vida familiar, da vida rural, da construção de convento, do cerco de Lisboa, do Poeta Ricardo reis e do deslocamento da Península Ibérica, dando uma visão mais social do que individual da realidade.

Obras: *Terra do Pecado* (romance, 1947; 2ª ed. 1997), *Os Poemas Possíveis* (poesia, 1966), *Provavelmente Alegria* (1970, *Deste Mundo e do Outro* (1971), *A Bagagem do Viajante* (1973), *As Opiniões que o DL teve* (1974), *O Ano de 1993* (1975), *Os Apontamentos* (1976), *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), *Objecto Quase* (1978), *Poética dos Cinco Sentidos* (1979), *A Noite* (teatro, 1979), *Levantado do Chão* (1980); *Que Farei com este Livro?* (teatro, 1980), *Viagem a Portugal* (1981), *Memorial do Convento* (romance, 1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (romance, 1984), *A Jangada de Pedra* (romance, 1986), *A Segunda Vida de Francisco de Assis* (1987), *História do Cerco de Lisboa* (romance, 1989), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (romance, 1991), *In Nomine Dei* (teatro, 1993), *Cadernos de Lanzarote* (1994, diário I), *Cadernos de Lanzarote* (1995, diário II), *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), *Cadernos de Lanzarote* (1996, diário III), *Cadernos de Lanzarote* (1997, diário IV), *Todos os Nomes* (romance, 1997), *Cadernos de Lanzarote* (1998, diário V), *A Caverna* (romance, 2000), *O Homem Duplicado* (romance, 2002), *Ensaio sobre a Lucidez* (romance, 2004).

José Saramago – Aspectos recepcionais

A preocupação com a questão recepcional de um texto não pode ser considerada uma novidade, porém ela tornou-se um problema fundamental de reflexão desde que Jauss propôs a renovação da história da literatura priorizando os aspectos recepcionais, reforçando a idéia de que um texto pode provocar diferentes reações e transformações em um leitor, pré-formando a compreensão de mundo que ele tem e repercutindo em seu comportamento em sociedade.

Tal idéia é compartilhada por Brunel⁴ (1990) quando este ressalta a importância de estudar a fortuna de um autor. Brunel define então influência como sendo a contribuição dada por uma obra para o nascimento de outra. Sendo assim, as influências exercidas por José Saramago são aspectos que devem ser considerados quando se quer avaliar sua importância no âmbito artístico-cultural.

A partir dos documentos analisados dividimos a recepção de Saramago em dois grandes blocos: a recepção que foi feita pela crítica jornalística e a que foi feita pela acadêmica

Nestes cinco anos de recepção, Saramago foi constantemente citado em todos os tipos de eventos artísticos não só os literários, revelando a importância do escritor para a formação literária e cultural dos brasileiros.

Observou-se então que o horizonte de expectativas dos críticos não se alterou de forma significativa, o que ocorreu foi um reforço do que já se dizia sobre Saramago

reafirmando o reconhecimento público e a posição que o escritor ocupa tanto no Cânone quanto no imaginário dos críticos brasileiros.

Os artigos alternam-se entre uma linguagem mais rebuscada utilizando termos mais técnicos e uma mais acessível para um público não especializado. Esta alternância de linguagens, contudo não dificulta o acesso nem a compreensão da obra do escritor, observou-se sim um aumento do número de leitores por conta do mercado editorial que divulga freqüentemente a obra do escritor.

O papel da crítica literária como formadora de opinião é inegável, mas o crítico não só contribui para a formação de opinião dos outros, como também, na condição de leitor, é ele próprio influenciado pelas leituras que faz.

A afirmação de Antonio Candido (1989) de que a crítica acima de tudo reflete a vida cotidiana é também compartilhada por Bela Josef na citação que faz de Walter Benjamin. Para Josef criticar é, antes de tudo, por em crise, e isto é essencial em toda cultura e em toda época, visto que a arte não tem mais valores eternos nem imutáveis aos quais devemos seguir.

Por isso a crítica tem como missão colocar as obras em relação umas com as outras e descobrir a sua posição dentro deste conjunto, sem esquecer que as obras do passado são modificadas pelos olhares das gerações que as sucedem.

É inegável que a aprovação da crítica e do público em relação à obra garante o sucesso da mesma. Jauss diz que uma obra literária não perde seu valor de ação quando transpõe seu período de surgimento, pois sua importância pode crescer ou diminuir no tempo.

Considerações finais

Tendo em vista a importância da obra de Saramago para o cenário literário mundial, realizou-se aqui um pequeno percurso por textos que registraram as impressões de leitura dos críticos literários brasileiros.

Utilizou-se alguns referenciais teóricos baseados na Estética da Recepção com o objetivo de melhor fundamentar as reflexões sobre os textos pesquisados.

Observou-se que independente da data de publicação, os artigos seguiram temas específicos e sempre que eram abordados faziam e ainda fazem de Saramago de sua obra uma referência constante.

Levando-se em conta o fato de Saramago ser bastante divulgado e lido entre nós, observou-se que não houve uma mudança significativa no horizonte de expectativas dos críticos. Houve sim, com o passar do tempo um aumento da admiração e a confirmação da canonização do escritor, resultando em um aumento no número de leitores.

Referências Bibliográficas

Fundamentação Teórica

BRUNEL, P., PICHOS, CI., ROUSSEAU, A. M. *Que é literatura comparada?* Trad. De Célia Berretini. São Paulo: Perspectiva, 1990.

CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976, p.73-88.

_____. O ato crítico. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHAL, Tânia F. A literatura comparada na confluência dos séculos. In: CUNHA, Eneida L. *Literatura Comparada. Ensaios*. Salvador: EDUFBA, 1996, p.11-8.

_____. *A literatura comparada*. São Paulo: Ática, 4 ed., 1999.

CHEVREL, Yves. Où sont les études comparatistes de réception? Bilan et perspectives. In: *Os estudos literários: (entre) Ciência e hermenêutica*. Primeiro congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Anais... Lisboa: jan. 1990, v. 5, p.21-30.

CUNHA, Eneida L. SOUZA, Eneida Maria. (org.) *Literatura comparada. Ensaios*. Salvador: Ed. UFBA, 1996, p.49-56.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz C. (org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.83-132.

JAUSS, Hans- Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JOSEF, Bela. Crítica e integração: uma história. In: CUNHA, Eneida L. SOUZA, Eneida Maria. (org.) *Literatura comparada. Ensaios*. Salvador: Ed. UFBA, 1996, p.49-56.

Corpus

BRUM, A. Houaiss. *Jornal de Brasil*, Rio de Janeiro, 30/08/01.

CAMPOS, Tatiana O. Partes de uma leitura – de África. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

CRUZ, André D. Fingimento e encenação em Memorial do Convento. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

DECIO, João. O romance de José Saramago. In *Revista de divulgação Cultural*, Blumenau,

jan/abr. 2003.

DINES, A. Dez, vinte Amados. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11/08/2001.

DORIA, Pedro. Salve Jorge. *Observatório da imprensa*, São Paulo, 15/08/2001.

EGYPTO, Luiz. Fora das livrarias. *Observatório da imprensa*, São Paulo, 07/11/2001.

ENGERROFF, Ana Carina B. Deus & diabo: *Grande Sertão – veredas e o Evangelho segundo Jesus Cristo*. In *Revista de divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

FELTZ, Rita. S. O séquito dos disformes Lázarus e Quasímodos. In *Revista de divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

FERRAZ, Salma. Os vislumbres de Deus na obra de um ateu – José Saramago. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

HOBBSAWM, L. Outra imprensa, outras leituras. *Observatório da imprensa*, São Paulo, 03/04/2002.

LEITE, S. C. Bill Gates pisou no tomate. *Observatório da imprensa*, São Paulo, 01/05/2002.

LIZ, Lucilene L. O vôo humanístico do profano. In *Revista de divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

MACEDO. Apresentação da escrita de Manuel Rui, escritor angolano. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

MAFRA, Marilyn. Deus e o diabo. Entre o sertão de Rosa e o mar de Saramago. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

MAFRA, Jean M. Teatro crítico: o encontro do Auto da Barca do Inferno com o Rei da Vela. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

MARTINS, Marcos A. O uno e seu múltiplo: um estudo da identidade de Deus. In *Revista de divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

PACHECO, Keli C. Algumas considerações Junguianas sobre o Evangelho segundo Jesus Cristo, de Saramago. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

RENNÓ, Adriana de C. A poética do encômio e seus reflexos no arcadismo brasileiro. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

SARAMAGO, J.

SANTOS, Roseli B. Para mim? Para ti? Para ninguém. (?) Uma leitura literária das cartas e diários de Florbela Espanca. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

SILVA, Cristiane M. Sandálias suspensas na cruz: a culpa e sacrifício em o evangelho segundo Jesus Cristo. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

SILVA, Arlindo R. Elogio de Dom Quixote ou quando a Senhora Dona Loucura aproveita para uma vez mais elogiar-se, entre outros sucessos. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

SILVA, D. Deslizes conceituais e referências controversas. *Observatório da imprensa*, São Paulo, 20/02/2002.

SCHWARTSMAN, H. Houaiss vs. Aurélio. *Observatório da imprensa*, São Paulo, 05/09/2001.

SIMÕES, Elizabete. Memorial da Passarola. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

ZILBERMANN, Regina. O Príncipe com orelhas de burro e a escrita alegórica. In *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, jan/abr. 2003.

Recebido em 8 de maio de 2010

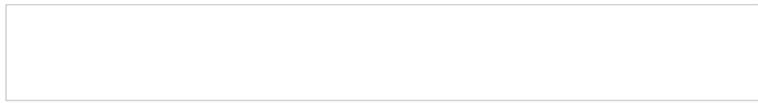
Aceito em 25 de maio de 2010

[1] Professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-oeste do Paraná – UNICENTRO

raquelterezinha@gmail.com



Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site (www.lettras.ufscar.br/linguasagem).



Siga a [@linguasagem](#) no Twitter

o que é isso?